

RESENHA: MEMÓRIAS DIASPÓRICAS DE DJOUGOU PARA AS AMÉRICAS

Bruno Rafael Vêras de Moraes e Silva¹

Referência da obra resenhada:

LAW, Robin; LOVEJOY, Paul. *The Biography of Mahommah Gardo Baquaqua — His Passage from Slavery to Freedom in Africa and America*. 2. ed. Princeton: Markus Wiener Publishers, 2007.

É impossível não se impressionar com a história de Mahommah Gardo Baquaqua. Ao ler sua autobiografia, transportamo-nos através da figura ao mesmo tempo comum nas Américas do século XIX: o africano na condição de escravizado e, ao mesmo tempo, da imagem extraordinária² de um africano liberto, abolicionista que acumulou experiências e viagens em vários países do continente americano.

O livro *The Biography of Mahommah Gardo Baquaqua — His Passagem from Slavery to Freedom in Africa and America*³ é editado e comentado pelos reconhecidos historiadores Robin Law e Paul Lovejoy, o primeiro, professor na University of Stirling, no Reino Unido e, o segundo na York University, no Canadá.

A obra é composta por várias sessões, organizadas de forma a dar uma sequência cronológica aos documentos transcri-

1 Mestrando em História Social pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Orientador: professor Doutor Luis Nicolau Parés. Membro do NEAB-UFPE. Estudante da Linha de Pesquisa África: história e identidade do CEAO/UFBA. Pesquisa literatura de viagens no continente africano no séc. XIV. Bolsista de mestrado CNPq/UFBA. Endereço eletrônico: profbrunov@hotmail.com.

2 Parafraseando o título do Documentário “Baquaqua: comum e extraordinário” produzido no espaço do REDHis-UFPE. Conferir em: <http://www.youtube.com/watch?v=19FZF9j4UHQ>.

3 A biografia de Mahommah Gardo Baquaqua — sua passagem da escravidão para liberdade na África e América (Tradução nossa).

tos e expostos. Após os agradecimentos e prefácios na primeira parte, está uma preciosa “Introdução” dos dois autores/organizadores do livro em questão. Nesta “Introdução”, Robin Law e Paul Lovejoy constroem o panorama histórico em que se inseria Baquaqua e os atores sociais que o cercavam.

Através de extensa bibliografia, o contexto histórico e cultural da região da África Central natal de M. G. Baquaqua é exposto. Mapas detalhados, imagens históricas de esboços de viajantes e missionários, além de fotografias antigas organizadas por Gilberto Ferrez ajudam a reconstruir e ambientar o leitor aos espaços escravistas no Brasil, especificamente no nordeste brasileiro (Recife e Olinda em Pernambuco). O Rio de Janeiro portuário e suas embarcações são explorados no intuito de falar das viagens atlânticas das quais tomou parte M. G. Baquaqua. O Haiti, em um período de grande agitação política e social, é apresentado também nesta “Introdução”. Por fim, os círculos abolicionistas e editoriais dos EUA e Canadá são explorados por P. Lovejoy e R. Law, permitindo-nos compreender melhor as possibilidades de escrita desta (auto)biografia, bem como as intencionalidades abolicionistas de seu autor africano. A ida documentada de M. G. Baquaqua à Liverpool é exposta e perde-se o rastro em sua intenção de voltar para o continente africano.

A última parte desta “Introdução” é muito importante para a compreensão do relato biográfico, bem como útil para futuras pesquisas sobre o tema. Questões relacionadas à avaliação e reputação do relato são realizadas, apontando inclusive para a dificuldade de se encontrar cópias originais do *An Interesting Narrative. Biography of Mahommah G. Baquaqua*.

Vários outros trabalhos que estudaram a figura de M. G. Baquaqua ou que procuraram construir reflexões sobre a experiência individual de africanos escravizados nas Américas, com a ajuda dos relatos de M. G. Baquaqua, são elencados e criticados

de forma breve. Pesquisas que foram publicadas tanto em língua inglesa, quanto em português. Destaque para *Liberdade: rotinas e rupturas do escravismo. Recife, 1822-1855*, do professor Marcus Carvalho (2010); do esgotado e complicadíssimo de encontrar *Biografia e narrativa do ex-escravo afro-brasileiro*, traduzido por Robert Krueger (1997); e do bem conhecido artigo na *Revista Brasileira de História*, da professora Silvia Hunold Lara, intitulado “Biografia de Mahommah G. Baquaqua” (1989).

Interessante pensar, como explicitam os autores, os relatos biográficos de M. G. Baquaqua dentro de toda uma tradição autobiográfica afro-americana e, em certo sentido inglesa, de tendência abolicionista e de conotação cristã-protestante, “notavelmente ligando auto-promoção com salvação espiritual” (LAW; LOVEJOY, 2002, p. 9-39). Até onde conhecem os historiadores, existem cerca de 6.000 relatos inscritos no gênero “*slave narratives*”. O relato de M. G. Baquaqua, mesmo publicado originalmente em inglês, é o único de um escravizado africano em terras brasileiras, conhecido até o momento⁴.

Em seguida, após esta vasta “Introdução”, que poderia considerar-se em separado um livro precioso por si só, está o: *An Interesting Narrative. Biography of Mahommah G. Baquaqua. A Native of Zoogoo, in the Interior of Africa (A Convert to Christianity.) with a Description of That Part of the World; including the Manners and Customs of the Inhabitants*⁵, escrito e editado em Detroit, no ano de 1854, pelo abolicionista Samuel Moore através, como este coloca, das palavras do próprio M. G. Baquaqua⁶.

4 O livro organizado pelo professor Mário Maestri Filho é uma série de entrevistas com ex-escravos nascidos no Brasil. É uma contribuição muito interessante construída a partir de perguntas dirigidas (MAESTRI FILHO, 1988).

5 Uma interessante narrativa. Biografia de Mahommah Gardo Baquaqua. Um nativo de Zoogoo [Djougou], no interior da África (um convertido ao cristianismo.) com uma descrição dessa parte do mundo; incluindo os usos e costumes dos habitantes (Tradução nossa).

6 Uma discussão sobre as diferentes falas e de uma retórica autobiográfica ainda precisa ser feita nos relatos de M. G. Baquaqua. Esta análise não cabe nesta breve Resenha.

Ao publicar sua (auto)biografia, M. G. Baquaqua contava com aproximadamente 30 anos de idade. É impressionante perceber o conjunto de experiências que um homem nessa idade havia apreendido. Desde o ofício palaciano junto ao rei de Soubroukou, passando pela escravização, posterior conversão para o cristianismo Batista e desenvolvimento de um ímpeto missionário.

Mahommah Gardo Baquaqua nasceu no ano de 1824⁷ em Djougou, uma cidade no norte do atual país Benin. Esta cidade, cercada ao norte/noroeste pelo Califado de Sokoto, a oeste pelos Estados Axante e pelo Daomé, era um importante polo do comércio sahariano do eixo Leste-Oeste/Oeste-Leste de itens que iam desde nozes de colas, passando por cobre, tecidos e escravizados. Dentro de Djougou, caravanas descansavam, equipavam-se, abasteciam-se e trocavam mercadorias, inclusive pessoas. Neste contexto indivíduos e grupos de diversas regiões, mesmo do Marrocos e da Arábia, circulavam ou estabeleciam-se junto com ideias, valores, riquezas e diferentes religiões. A formação da própria família (muçulmana) de Baquaqua como ele revela em cartas ou em sua (auto)biografia insere-se neste modelo de migrações e estabelecimentos em cidades comerciais.

Em sua infância aprendeu os rudimentos do árabe, apesar de constantemente fugir das aulas e da arte da metalurgia com seu tio. Quando adolescente, em certa ocasião no início da década de 1840, juntou-se a um grupo de carregadores para transportar grãos a oeste de Djougou em uma região de batalhas por sucessão real no Gonja central. Em um ataque do exército Axante, M. G. Baquaqua e outros que o acompanhavam foram capturados. Por sorte, seu irmão mais velho, adivinho do Rei de Daboya, resgatou-o.

7 Para acompanhar a discussão sobre a data de nascimento de Mahommah Gardo Baquaqua ver a "Introdução" de LAW, Robin; LOVEJOY, E. Paul. *The Biography...* Op. cit.

Alguns meses depois, na aldeia de Yarakeou⁸, alguns quilômetros a oeste de Soubroukou, confessa Baquaqua que por razões imprudentes foi capturado e vendido como escravo. Resolveu, por seu gosto por bebidas alcoólicas, roubar dos camponeses locais. Em seu próprio relato M. G. Baquaqua revela na sessão reservada ao “Governo na África”:

Roubo é considerado o maior crime em algumas partes da África, e o ladrão frequentemente recebe a pena de morte em consequência. Quando qualquer um é suspeito ou acusado de roubo é levado diante do rei, onde uma espécie de julgamento é dado a ele; se considerado culpado, ele é vendido ou condenado à morte (LAW; LOVEJOY, 2007, p. 102-103).

O roubo, portanto, como o próprio revela, era um crime de maior gravidade que o assassinato. Desta vez seu irmão não pôde resgatá-lo e ele foi traficado em direção ao sul para ser vendido como escravo. Devido à fiscalização da marinha inglesa ao tráfico atlântico de escravos na região, Baquaqua não foi embarcado no porto principal de Uidá⁹, o mais provável é que fora marcado e enviado à América a partir de Agoué, a oeste de Uidá. Baquaqua descreve a passagem oceânica dentro do navio negreiro:

Fomos arremessados, nus, porão adentro, os homens apinhados de lado e as mulheres do outro. O porão era tão baixo que não podíamos ficar em pé, éramos obrigados a nos agachar ou sentar no chão. Noite e dia eram iguais para nós, o sono nos sendo negado devido ao confinamento de nossos corpos. Ficamos desesperados com o sofrimento e a fadiga (LARA, 1989, p. 272).

Chegando ao Brasil, não foi desembarcado na cidade de Salvador, destino mais comum para os escravos provenientes da Costa do Benin¹⁰, mas sim em um engenho próximo à cidade do

8 “Zaracho”.

9 “Whydah”.

10 Para mais informações sobre o tráfico de escravos da baía do Benin para a cidade de Salvador ver: VERGER, 2002.

Recife. Esta ação deve-se à maior fiscalização no porto de Salvador de navios provenientes da costa do Benin. Devido ao tratado com a Inglaterra de 1815 o comércio de escravos em localidades acima da linha do Equador tornava-se interdita pela marinha britânica. Tendo a cidade de Salvador uma praça comercial de muitos contatos com esta região, os portos dessa cidade eram muito bem vigiados. O caso do navio ter desembarcado seus escravos não diretamente no porto do Recife têm a mesma explicação, sendo comum o desembarque direto em engenhos ou em portos clandestinos, como ficou famoso o caso de Porto de Galinhas a 70 km de Recife (CARVALHO, 2012).

Inicialmente em Pernambuco, ele foi vendido a um padeiro que vivia fora da cidade do Recife, provavelmente em Olinda. O período de dois anos em que permaneceu escravo deste seu primeiro senhor no Brasil foi particularmente duro. Inclusive, em uma determinada ocasião, tentou suicídio jogando-se em um rio¹¹. Devido à constante embriaguez e tentativa de fuga foi finalmente vendido para fora de Pernambuco¹². Foi parar no Rio de Janeiro, onde foi comprado pelo capitão e co-proprietário do navio *Lembrança*. Servindo a bordo do navio juntamente com outro escravo chamado José Rocha, Baquaqua participou de duas viagens para o sul do Brasil embarcando carne-seca (charque) para o Rio de Janeiro entre 1846 e 1847. Em abril, carregado de café, o *Lembrança* foi para Nova York. Esta foi a última viagem de Baquaqua a bordo desse navio.

Chegando a Nova York, Baquaqua e Rocha, seu companheiro de cativeiro, cientes da não existência da escravidão em tal localidade e incitados por alguns abolicionistas, fugiram do navio em busca de suas liberdades. Pegos em meio a cidade

11 A tentativa e os suicídios concretos de escravizados em Pernambuco no século XIX não eram tão excepcionais (Cf. CANÁRIO, 2011).

12 Sobre alguns elementos da história de muçulmanos africanos escravizados no Brasil ver: REIS, 2003; RIBEIRO, 2011.

e postos à prisão, a partir de então deu-se um longo embate jurídico sobre a liberdade dos dois cativos “brasileiros”. Em duas decisões judiciais, apeladas pelos abolicionistas locais, apesar de serem escravos do capitão foram considerados parte da tripulação. Devido a um tratado de reciprocidade entre Brasil e Estados Unidos que estipulava a obrigatoriedade da tripulação voltar aos seus navios para evitar deserções, os dois foram obrigados a retornar ao *Lembrança*. Contudo, na noite de 9 de agosto de 1847, através de um descuido de um carcereiro sonolento¹³ os dois escravos fugiram e, com ajuda de abolicionistas, em quatro semanas foram embarcados para o Haiti. Lá Baquaqua conhece o Reverendo William L. Judd da Sociedade da Missão Livre Batista Americana e converte-se em 1848 à igreja Batista.

Por razões de instabilidade política e a possibilidade de ser forçosamente recrutado, M. G. Baquaqua no final de 1849 retorna ao estado de Nova York acompanhado da esposa do Reverendo Judd. Através de contatos com as Missões Livres Batistas de várias cidades, inicia sua educação formal no departamento primário do New York Central College em MacGrawville onde permanece estudando por três anos.

Até início do ano de 1854, Baquaqua participa da rede batista da Livre Vontade do estado de Nova York e entra em contato com diversos abolicionistas. Neste mesmo ano deixa MacGrawville e vai residir em alguma cidade do Canadá Oeste. Logo após sua mudança, M. G. Baquaqua tira seu documento de naturalização e torna-se súdito britânico. Em seguida, entra em contato com o Samuel Downing Moore, abolicionista e futuro editor de sua biografia, publicada em Detroit em agosto de 1854.

M. G. Baquaqua desde que entrara em contato com as redes batistas e abolicionistas ambicionara tornar-se missioná-

13 Não sabe-se ao certo se o carcereiro ajudou os dois escravos ou ao adormecer do carcereiro os abolicionistas ajudaram-lhes.

rio e voltar para a África. Até o ano de 1857 fez várias tentativas em diferentes grupos, viajou para a Inglaterra, mas aparentemente nunca conseguiu retornar a sua terra natal como missionário. Em 1857 seu rastro desaparece na História.

Toda esta (auto)biografia de M. G. Baquaqua é acompanhada de preciosas notas explicativas de P. Lovejoy e R. Law, de imagens e mapas que possibilitam melhor compreender os lugares onde o africano natural de Djougou construiu sua dilatada experiência.

Tão rico quanto o próprio *An Interesting Narrative. Biography of Mahommah G. Baquaqua* são os documentos transcritos e reunidos por Paul Lovejoy e Robin Law nos cinco diferentes apêndices. O primeiro deles são documentos legais sobre o julgamento dos “tripulantes fugitivos” do navio *Lembrança*. Os seguintes são cartas escritas pelos missionários amigos de M. G. Baquaqua, ou por ele mesmo. Inclusive, os erros de ortografia e de concordância nas cartas diversas de Baquaqua foram mantidos, dando uma real noção da apropriação da língua inglesa por parte do abolicionista africano. É um total de 24 cartas, compreendidas entre os anos de 1847 e 1854.

Apesar da escrita fluída e de tranquila compreensão, uma tradução brasileira, para língua portuguesa do *The Biography of Mahommah Gardo Baquaqua — His Passage from Slavery to Freedom in Africa and America* é mais do que aguardada. O único relato (auto)biográfico, conhecido até o momento, de um escravizado africano em terras brasileiras é uma fonte mais do que essencial para pensar não apenas a experiência individual e “extraordinária” de Mahommah Gardo Baquaqua, mas também, de forma paralela, a experiência de indivíduos “comuns” escravizados no Brasil (BEZERRA, 2011).

Referências

BEZERRA, Nielson Rosa. *Escravidão, biografias e a memória dos excluídos*. Revista Espaço Acadêmico, n. 126, nov. 2011.

CANÁRIO, Ezequiel David do Amaral. *É mais uma scena de escravidão: suicídios de escravos na cidade do Recife, 1850-1888*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011.

CARVALHO, Marcus J. *Liberdade: rotinas e rupturas do escravismo. Recife, 1822-1850*. 2. ed. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010.

CARVALHO, Marcus J. *O desembarque nas praias: o funcionamento do tráfico de escravos depois de 1831*. Revista de História, São Paulo, n. 167, jun./dez. 2012.

FILHO MAESTRI, Mário. *Depoimentos de escravos brasileiros*. São Paulo: Ícone, 1988.

KRUEGUER, Robert. *Biografia e narrativa do ex-escravo afro-brasileiro — Mahommah Gardo Baquaqua*. Brasília: Ed. da UNB, 1997.

LARA, Silvia Hunold. *Biografia de Mahommah G. Baquaqua*. Revista Brasileira de História, Rio de Janeiro: ANPUH/Marco Zero, v. 8, n. 16, 1989.

LAW, Robin; LOVEJOY, E. Paul. *The Biography of Mohommah Gardo Baquaqua — His Passage from Slavery to freedom in Africa and America*. Princeton: Markus Wiener Publishers, 2007.

LOVEJOY, Paul E. *Construction of Identity: Olaudah Equiano or Gustavus Vassa? Historically Speaking*, Baltimore, v. 7, n. 3, Jan./Feb. 2006.

LOVEJOY, Paul. *Identidade e a Miragem da Etnicidade: a jornada de Mahommah Gardo Baquaqua para as Américas*. Afro-Ásia, v. 27, 2002.

OLNEY, James. *"I was Born": Slave narratives, their status as autobiography and as Literature*. Callaloo. n. 20, 1984.

REIS, João José. *Rebelião escrava no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

RIBEIRO, Lidice Meyer Pinto. *Negros islâmicos no Brasil escravocrata*. Cadernos CERU, Série 2, São Paulo, v. 22, n. 1, jun. 2011.

VERGER, Pierre. *Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o Golfo do Benin e a Bahia de Todos os Santos*. 4. ed. Salvador: Corrupio, 2002.

Recebido em: fev. 2014. Aprovado em: maio 2014.